



Crise à mesa

Com as festas de final de ano, quando aumenta o consumo de carnes, indústrias pretendem compensar pelo menos em parte o menor apetite dos brasileiros neste ano em função da crise

CLEIDI PEREIRA
cleidi.pereira@zerohora.com.br

Com a proximidade das festas de final de ano, há expectativa de que parte das perdas da indústria de carnes em 2016 sejam recuperadas. Ainda assim, os números do setor devem fechar em queda ou – no melhor dos cenários – estáveis. A crise econômica, que fez o desemprego atingir os maiores índices em pelo menos cinco anos, chegou à mesa dos brasileiros. Com menos dinheiro no bolso, muitas pessoas reduziram o consumo. O cenário de retração no mercado doméstico levou a cadeia a buscar alternativas, e a exportação acabou sendo a válvula de escape.

Até outubro, os abates de frangos, suínos e bovinos caíram 6,5% no Rio Grande do Sul, para 657,8 milhões de cabeças, conforme dados do Ministério da Agricultura (considerando os frigoríficos sob inspeção federal). Na contramão desse recuo, o Estado, que é o terceiro maior produtor de carnes do país, embarcou um volume quase 7% superior ao do ano passado, alcançando 846,7 mil tone-

ladas no período de janeiro a novembro.

Embora o setor de suínos tenha sido o menos afetado, o diretor-executivo do Sindicato de Produtos Suínos do Estado (Sips), Rogério Kerber, se mantém cauteloso.

– Historicamente há crescimento na demanda por produtos suínos no final do ano. Acho que os nossos números deverão ser semelhantes aos de 2015, em razão do desemprego e da perda de renda – explica Kerber.

Além do consumo travado pela recessão, outra dificuldade, em especial no setor de aves e suínos, foi a alta nos preços do milho e do farelo de soja, principais ingredientes na composição da ração animal. Depois de superar os R\$ 50 neste ano, o preço médio da saca de milho paga ao produtor no Estado baixou para R\$ 37 neste mês de dezembro, conforme dados da Emater. Mesmo assim, o valor ainda é 12% superior em relação à cotação do cereal no mesmo período do ano passado.

PRESSÃO DOS CUSTOS

Em razão da crise que o país atravessa, as indústrias de carne suína – e as de frango também – não conseguiram repassar o aumento de custos para o consumidor, e a saída foi reduzir o peso médio dos animais abatidos. De acordo com Kerber, os produtos suínos estão sendo comercializados neste ano a preços 10% inferiores aos de 2015. Ele projeta que o Estado deve terminar o ano com uma produção estável, de 715 mil toneladas, e com uma alta de 10% nas exportações (175 mil toneladas).

– A carne suína seguramente ajudou o consumidor a passar por esse momento de dificuldade – avalia o dirigente.

Já o presidente da Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), Nestor Freiburger, calcula que, neste ano, o setor deve registrar um crescimento vegetativo de apenas 2,5%. A estimativa de produção no Rio Grande do Sul em 2016 é de 1,8 milhão de toneladas de carne de frango, sendo que 45% desse volume será exportado. Haverá um incremento de 5% nos embarques, em especial, para países da Ásia, Europa e Oriente Médio, conforme Freiburger.

– Foi um ano bastante difícil, em função do desemprego e da queda de poder aquisitivo.

Segundo o presidente do Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados no Estado do Rio Grande do Sul (Sicardergs), Ronei Lauxen, os frigoríficos estão operando com uma ociosidade de 30% e houve enxugamento em muitas empresas, para fazer frente à crise. A expectativa é de que a produção neste ano se mantenha nos patamares de 2015, por volta de 450 mil toneladas. Até outubro, o setor era o único com aumento de abates em frigoríficos com inspeção federal. No entanto, esse número também deve terminar o ano estável (1,8 milhão de cabeças), conforme Lauxen, que aponta queda nos abates em unidades sob controle estadual.

– Apesar de certa estabilidade, tivemos queda no consumo e redução de margens e a indústria está trabalhando com margens muito apertadas. Como a carne bovina tem preço maior, se reflete nas vendas.